

Quando a vontade é luta: Movimento de Educação de Base no Brasil Contemporâneo

Sara Oliveira Farias^I

Resumo: O presente artigo analisa aspectos do Movimento de Educação de Base (MEB), destacando a prática sindical rural na Bahia através dos relatos orais de memória. São também analisados discursos produzidos pelo material didático, utilizados nas aulas do MEB, compreendendo como as produções discursivas foram produzidas pelo movimento e, como contribuíram na luta dos trabalhadores e trabalhadoras rurais por uma vida com direitos.

Palavras-chave: MEB; sindicato; relatos; discursos; educação popular

When will is struggle: The Base Education Movement in Contemporary Brazil

Abstract: This article analyzes aspects of the Base Education Movement (MEB), with a focus on the rural union practice in Bahia through oral memory narratives. In addition, the discourses produced by the didactic material, used in the MEB classes, are also analyzed. Thus, the aim is to understand how the discursive productions were produced by the MEB and how they contributed to the struggle of rural workers for a life with rights.

Keywords: MEB; union; narratives; discourses; popular education

Artigo recebido em 16/02/2022 e aprovado em 28/07/2022

**QUANDO A VONTADE É LUTA: MOVIMENTO DE EDUCAÇÃO DE BASE NO
BRASIL CONTEMPORÂNEO
SARA OLIVEIRA FARIAS**

O MEB como movimento de educação popular

O Movimento de Educação de Base (MEB) pode ser considerado como um dos principais movimentos da Igreja Católica, movimento criado em 1961, pelo Confederação Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), no governo do então presidente, Jânio Quadros. É possível também afirmar o MEB como um dos movimentos significativos da Igreja e como este movimento colaborou na luta por um mundo menos desigual, colocando homens e mulheres como sujeitos de suas histórias.

Seguindo essa linha de investigação, a pesquisa revela entre outros aspectos como o MEB foi criado e, sobretudo como se organizou no período de 1961 a 1964, posteriormente o movimento sofreu dura repressão do golpe civil-militar de 1964. Nesse artigo, entretanto analisaremos os discursos fabricados e selecionados que constituíram em parte, os materiais produzidos para alfabetizar jovens e adultos em diversas localidades do Brasil contemporâneo.

De maneira sucinta, o MEB, de acordo com Osmar Fávero,^{II} nos primeiros cinco anos de sua criação funcionou, no âmbito nacional, coordenado por um Conselho Diretor Nacional, composto por bispos e um representante do Ministério da Educação e Cultura. Nos Estados, contava com uma coordenação Estadual; o sistema radio educativo atingia uma área que maioria das vezes correspondia à área geográfica da diocese a que se vinculava e a base era estruturada através de uma rede de escolas radiofônicas ou por uma teia de grupos, em geral havia nos sistemas uma composição entre os dois.

No período (1961-1965) considerado áureo, a abrangência do MEB pelo Brasil era significativa, pois houve um aumento do número das escolas radiofônicas, passando de 2.687, em dezembro de 1961, para 7.353, em setembro de 1963. No período pós-golpe militar ainda existiam em dezembro de 1965, mais de 4.500 escolas radiofônicas. Pode-se considerar que em cinco anos, um número aproximado de 320 mil alunos concluiu o ciclo de alfabetização.^{III}

Essas experiências juntamente com outras do mesmo período como a “Campanha Nacional de Alfabetização de Adolescentes e Adultos e Campanha Nacional de Educação Rural; radiofusão educativa realizadas pela Igreja Católica na América Latina; sistema rádio educativo nacional, organizado em 1957, pelo Ministério da Educação e Cultura,” entre outras experiências favoreceram a criação do MEB no Brasil.^{IV}

A produção discursiva do MEB centraliza a luta dos trabalhadores e trabalhadoras, pois estes deveriam possuir os conhecimentos mínimos para se levar uma vida humana, uma vida com condições dignas. Considerando como básica a educação que forma o homem na sua eminente dignidade de pessoa. Daí decorre, como condição primeira, o direito de viver humanamente. Assim, o básico pode ser compreendido não apenas como o primeiro, inicial ou a alfabetização para a instrução, mas como ação radical para o ser humano, no sentido de que tome a direção de sua vida enquanto sujeito, consciente sobretudo de seus direitos. Dessa forma, o MEB estabeleceu “em suas declarações iniciais, a preocupação com uma população eminentemente rural, local, atribuindo

**QUANDO A VONTADE É LUTA: MOVIMENTO DE EDUCAÇÃO DE BASE NO
BRASIL CONTEMPORÂNEO
SARA OLIVEIRA FARIAS**

genericamente a esta população o conceito de camponês, homem do campo ou homem rural.”^V

Os números sobre a atuação do sistema radiofônico do MEB impressionam no período considerado áureo. De 11 sistemas, em 1961, chega a 31, em 1962, a 59, em 1963, atingindo o Nordeste, parte da Região Leste e parte da Região Amazônica. Pode-se pensar que nas 15 unidades federativas que criaram o MEB o foco era a cultura como ferramenta política para modificar uma realidade extremamente desigual e, onde a história só seria possível de ser realizada, através da luta e do combate.^{VI}

Nessa perspectiva, pode-se pensar que o MEB estava intimamente ligado a educação popular que tinha como proposição e diretriz que o “povo devia ser o agente de sua própria história.”^{VII} Assim, o MEB se declarava da seguinte maneira:

“Já em meados de 1962, o MEB declarou-se a favor da transformação social radical. A educação deveria ser um meio de realizar essa transformação ao invés de ser um fim em si. O MEB enfatizava a conscientização, uma abordagem que encorajasse o povo a enxergar os seus problemas, como parte de um sistema mais amplo.”^{VIII}

O discurso central do MEB, portanto, tomava o “povo” como ponto de partida para a transformação seria possível através da participação popular, criticando dessa forma toda e qualquer prática paternalista. O MEB juntamente com outros movimentos, mais particularmente juntamente com o método de educação utilizado por Paulo Freire fez com que a Igreja desenvolvesse um novo tipo de trabalho junto aos segmentos populares.

Em 1964, os líderes progressistas sofreram um duro golpe, pois os militares juntamente com a direita católica restringiram o papel do MEB, reduzindo seu papel político. Restringiram a atuação mais política do MEB, centralizando seus trabalhos para a alfabetização dos moradores das zonas rurais da região, retirando em parte, sua linha histórica que consistia na Educação Popular (autonomia do Educando que contribuía para que este se tornasse sujeito).^{IX}

Uma das medidas criadas pelo governo militar foi instituir, em 1967, o Movimento Brasileiro de Alfabetização- MOBRAL como uma das formas de esvaziar a ação política do MEB. Segundo alguns depoimentos colhidos, em Amargosa, (município baiano, onde iniciamos nosso projeto piloto para compreender a atuação do movimento na Bahia), equipes do MEB na década de 70 chegaram a utilizar material do MOBRAL para as atividades na diocese.

Devido, talvez, ao prestígio que obteve por conta do trabalho desenvolvido, o MEB e “graças à proteção da Igreja, foi a única experiência de educação popular a sobreviver ao golpe. Entretanto, a sobrevivência tinha um preço: o MEB foi obrigado a moderar suas atividades.”^X Entre as medidas repressivas do Estado, estavam a redução do orçamento para o movimento, além de um certo controle e ambivalência da hierarquia católica, deixando em certos aspectos de ter sido “um dos impulsos chaves na transformação da Igreja. Mas o MEB pôde continuar as experiências progressistas na educação popular numa época em que isso era extremamente difícil.”^{XI}

Igreja, política e sindicalismo

**QUANDO A VONTADE É LUTA: MOVIMENTO DE EDUCAÇÃO DE BASE NO
BRASIL CONTEMPORÂNEO
SARA OLIVEIRA FARIAS**

Na Bahia, o MEB parece ter sido instalado a partir de 1962. Entretanto, a documentação escrita para este período é restrita. Uma alternativa viável tem sido a realização de entrevistas orais com pessoas que vivenciaram a experiência do MEB. Este foi o caso de Manoel Francisco dos Santos, um dos fundadores do sindicato rural de Santo Antônio de Jesus, região do recôncavo sul da Bahia, pertencente a Diocese de Amargosa que tinha uma abrangência considerável na região e, onde existia um departamento do MEB.

Em função do trabalho de educação de jovens e adultos, construído por parte da Igreja católica no período da década de 1960, é possível pensar na atuação política que este movimento, nomeado como Movimento de Educação de Base teve em várias regiões e localidades do Brasil contemporâneo, uma das localidades na Bahia foi como já assinalamos, a Diocese de Amargosa. O trabalho do MEB ajudou na formação de pessoas leigas como trabalhadores rurais, facilitando assim a criação de sindicatos dos trabalhadores desta região. Nesse sentido, destaca-se, o sindicato dos trabalhadores rurais da cidade de Santo Antônio de Jesus como narrou Manoel Francisco dos Santos.

“Aí, a gente que trabalhava no movimento religioso na Igreja, começamos a fazer parte da JAC^{XII}, que era o movimento da Juventude Agrária Católica. Era um movimento, e através desse movimento surgiu o sindicato. Eu, naquela época tinha uma insígnia do papa Leão 13 que dava o direito de a gente lutar e fundar o sindicato rural, foi aí que a gente se juntou, se organizou e fundamos o sindicato aqui em Santo Antônio de Jesus. Foi fundado nove sindicatos no estado da Bahia, desses nove, fomos para Salvador e fundamos a federação que hoje Federação dos Trabalhadores na Agricultura, depois a metade do pessoal foi para Brasília, não... Rio de Janeiro e fundaram a Confederação Nacional dos Trabalhadores na Agricultura. E começamos a trabalhar pelos trabalhadores rurais, porque naquela época os trabalhadores não tinham vez, não tinha direito e não tinha nada, morava na fazenda do patrão e com 10 anos, vinte ou trinta anos, o patrão jogava para fora. Aí ele saía pegava a trouxa e ia embora sem direito a nada, procurando lugar para morar, e ninguém dava lugar para morar. Então quando fundou o sindicato eles(patrões) ficaram com medo do sindicato, porque o sindicato lutava em benefício do trabalhador rural, aí foi quando, assim que fundamos o sindicato, nosso sindicato já estava reconhecido, a gente veio fundar aqui em Santo Antônio de Jesus.”^{XIII}

O relato de memória de Manoel Francisco relaciona sua formação católica com a participação como membro da JAC e, como de certa forma esta atuação o ajudou na criação de uma visão mais justa e igualitária dos direitos do trabalhador, sobretudo do trabalhador rural. A ideia dos direitos do homem do campo permeia seu discurso, marca a experiência do viver, do trabalhar sem o amparo legal do direito, faz pensar de como os trabalhadores do Brasil e, neste caso mais específico o trabalhador da zona rural era completamente desassistido de direitos. Esta visão possivelmente é construída em parte pela formação da JAC, mas também pelas marcas da sua trajetória profissional.

Assim, é possível situar que movimentos como o MEB que iniciaram suas atividades no interior do Brasil, nas áreas mais carentes, de uma população sem direitos, exploradas, sem acesso à educação formal teve enorme receptividade nos anos de 1960. A realidade do campo era muito diferente da cidade. A maior parte da população analfabeta, apenas para citar um aspecto dessa história, estava localizada na zona rural do país, sobretudo na região norte, nordeste e centro-oeste.

**QUANDO A VONTADE É LUTA: MOVIMENTO DE EDUCAÇÃO DE BASE NO
BRASIL CONTEMPORÂNEO
SARA OLIVEIRA FARIAS**

A formação ou organização dos trabalhadores no período dos anos de 1960, centralizaram o tripé; igreja católica, sindicato rural e, em muitos casos, a presença do MEB foi frequente, como relembra Péricles Santos Souza, graduado em História em 1967, militante do PCB e também um dos organizadores do sindicato rural. Ele relata que nesse cenário havia:

“Igreja Católica, sindicato rural e uma coisa chamada Movimento de Educação de Base, MEB. Era um movimento fruto de um convênio com a CNBB com o Ministério da Educação. Então esse MEB era um ponto de partida da atividade sindical aqui no recôncavo da Bahia, mas tratavam disso no estado todo.”^{XIV}

O papel da igreja ou parte dela fundamentou em certos aspectos a criação de sindicatos rurais, as razões para este aspecto são variadas, mas não se pode esquecer que o comunismo era uma ameaça para a igreja, e, visando participar do combate contra o comunismo, a igreja criou suas estratégias, mas este aspecto é mais complexo e, devido aos limites do artigo não será objeto de análise. Apenas ressaltamos como a igreja católica e o MEB contribuíram para a organização dos trabalhadores do recôncavo da Bahia. Péricles Souza, inclusive, ressalta este aspecto:

“O sindicato rural de Santo Antônio de Jesus está ligado a um movimento nacional de criação de sindicatos rurais e foi fundado por uma direção chamada equipe de fundação rural.... e estava ligado ao movimento da igreja católica, em uma primeira etapa”^{XV}

Posteriormente, muitos dos membros da igreja seja através da Ação Popular (AP) seguiram em outros caminhos, entre eles o ingresso no Partido Comunista. Por conta inclusive da atuação de Péricles nos sindicatos rurais da Bahia, quando ocorreu o golpe militar de 1964, estes e outros militantes considerados subversivos pelo regime ditatorial estiveram sempre sendo vigiados pelo governo através de órgãos como o serviço nacional de informação (SNI):

“ Em 1964, foi indiciado em IPM, instaurado pela 6ª RM, para apurar fatos relacionados com o Movimento Educativo de Base _ MEB, levado a efeito no Município de LIVRAMENTO DE [RUMADO/BA, onde o nominado realizou palestras sobre Organização Sindical-Rural e Desapropriação de Terras;”^{XVI}

Nos relatórios pesquisados, foi possível verificar que haviam prontuários de envolvidos em atividades consideradas pelo governo militar, subversivas, entre esses foi localizado o prontuário sobre as diversas atividades de Péricles, sobretudo aquelas associadas à sua atuação na AP, no Partido Comunista e no MEB, onde sua sigla é traduzida como Movimento Educativo de Base e não como Movimento de Educação de Base. Seria apenas um erro de grafia? ou traduziria a concepção restrita que os agentes do estado possuíam sobre tal movimento? Não sabemos por enquanto dimensionar esta questão que deverá ser melhor analisada em artigos futuros, mas podemos conjecturar que ao modificar a nomenclatura do movimento de educação que inclusive na acepção da palavra é ampla, refere-se aos valores humanos e sociais reduziram ao léxico educativo que é adjetivo e, que, portanto, nomeia, qualifica. Pode-se pensar que ao qualificar o movimento, o SNI imprimia o que se queria dizer sobre o MEB. De outro modo, muitos trechos dos prontuários analisados quase sempre as atividades de Péricles estavam relacionadas ao MEB e, conseqüentemente sua vinculação com o comunismo:

**QUANDO A VONTADE É LUTA: MOVIMENTO DE EDUCAÇÃO DE BASE NO
BRASIL CONTEMPORÂNEO
SARA OLIVEIRA FARIAS**

“[...] Em Mai 65 viajou para os EUA com Passaporte NS 502.268, valendo-se de bolsa de estudo fornecida pelo extinto MEB;
- Em 1970, fazia parte da COMISSÃO EXECUTIVA DA AÇÃO POPULAR (AP), lotado na REGIÃO N9 9 (PARA-AMAZONAS);
- Em 1971, era membro da APML do BRASIL;
- O epígrafe é comunista convicto.^{XVII}

Quase sempre os prontuários produzidos pelo SNI, selecionavam os discursos para incriminar aqueles que por sua atuação política deveriam ser nomeados como inimigos do sistema ditatorial civil militar como aconteceu com Péricles, atribuindo a ele ser comunista, ter integrado a ação popular marxista leninista, participar de atividades como a organização sindical rural, a luta pelo direito à posse da terra ou mesmo pela participação em movimentos como o MEB.

Nesse sentido, o MEB parece ter tecido o movimento dentro das lutas sociais e políticas do período e, os sindicatos rurais foram em certa medida espaços formadores de homens e mulheres completamente destituídos de algum direito, sobretudo o direito à educação. Educar jovens e adultos era e continua sendo um ato político para as populações que viviam sobretudo no interior do Brasil, principalmente nas regiões norte, nordeste e centro-oeste.

Educar para lutar

Os livros de leitura e fundamentação, que serviram de base para preparar as equipes do MEB, constituem em fontes de pesquisa que podem revelar múltiplos aspectos da história do movimento na Bahia e demais regiões do Brasil, centralizando os discursos construídos em torno da conscientização dos sujeitos sobre sua história. Como material didático foi possível identificar no decorrer desta pesquisa um conjunto de livros que trazem múltiplos significados, entre eles, ensinam a ler o mundo numa acepção em parte inspirada nos trabalhos de educação e cultura popular, tendo como referência os trabalhos do pensador, educador, Paulo Freire como revela uma das lições que integram o livro “Viver é lutar.”^{XVIII}

“O povo tem fome e doença
Por que tanta doença no povo
O povo precisa de escola
Precisa de casa e comida
O povo precisa de trabalho
É dura a vida do povo!
O povo quer mudar de vida?
O povo quer mudar de vida?

O POVO PODE MUDAR DE VIDA^{XIX}

As lições diretas das cartilhas/livros que integram o material didático produzido pela equipe do MEB retratavam as condições precárias que viviam os trabalhadores e

**QUANDO A VONTADE É LUTA: MOVIMENTO DE EDUCAÇÃO DE BASE NO
BRASIL CONTEMPORÂNEO
SARA OLIVEIRA FARIAS**

trabalhadoras do Brasil, sobretudo das áreas rurais de regiões como nordeste, norte e centro oeste. Pode-se pensar que os livros de leitura e fundamentação, utilizados nas aulas preparadas pelo MEB, constituem em fontes de pesquisas que revelam ou podem revelar múltiplos aspectos da história do movimento na Bahia e demais regiões do Brasil, centralizando os discursos construídos em torno da autonomia dos sujeitos e, consequentemente na sua luta por direitos.

O conjunto didático composto por livros como “Saber para viver”; “Viver é lutar”; o livro de leitura Fundamentação; Justificação traz múltiplos significados sobre o viver e o agir de homens e mulheres pobres do interior do Brasil. Os livros ensinam a ler o mundo como dizia Paulo Freire e esta acepção contribuiu de forma significativa para que homens, mulheres, adultos e jovens aprendessem muito mais do que saber ler e, consequentemente escrever.

O material produzido e aplicado pelo MEB nas zonas rurais da Bahia e do Brasil ajudaram a construir uma outra forma de ler a realidade em que os trabalhadores e trabalhadoras rurais viviam e de como essas pessoas poderiam reivindicar direitos. Um deles o direito à terra como escreveu Odilon Pinto, integrante do MEB e militou entre os trabalhadores rurais de Camacã, no sul da Bahia. Com o golpe militar, foi preso, torturado e condenado a três anos de reclusão, cumpridos na Penitenciária Lemos Brito, em Salvador.^{XX}

Latifúndio caduco (Marcha)

Odilon Pinto- BA, 1974

“O latifúndio caduco

Está maluco porque vai se acabar

Mas nós responderemos de pé

A terra é de quem a trabalhar

E o latifundiário

Reacionário quer é nos escravizar

Mas nós responderemos de pé

A terra é de quem a trabalhar.”^{XXI}

A produção discursiva sobre temas como direito à terra, ao trabalho digno é uma constante nas cartilhas, livros, canções utilizadas nas aulas do MEB. É possível pensar de como estas produções que são também fontes históricas e abordam múltiplas tensões produzidas da relação trabalho- trabalhadores rurais x patrões. Relação histórica e que marca a história do Brasil. Os discursos revelam formas de ver e pensar o mundo e assim visto como perigoso, pois a produção do discurso controla, seleciona, organiza e é “redistribuída por certo número de procedimento que tem por função conjurar seus poderes e perigos.”^{XXII} Não sem propósito, o MEB, após o golpe de 1964, foi perseguido e a direção do movimento obrigada a manejar o discurso combativo e denunciador.

**QUANDO A VONTADE É LUTA: MOVIMENTO DE EDUCAÇÃO DE BASE NO
BRASIL CONTEMPORÂNEO
SARA OLIVEIRA FARIAS**

Com a colaboração do MEB, dos movimentos sociais e políticos foi possível transformar a vontade de ler e conhecer o mundo muitas vezes desigual para trabalhadores e trabalhadoras das áreas rurais do norte, nordeste e centro oeste brasileiro. Assim, a vontade se transformou em luta para muitos homens e mulheres que participaram de movimentos como o MEB.

A luta, o sindicato e o MEB

O que se pretendeu no presente artigo foi relatar a importância política, social e histórica do MEB na década de 1960, no Brasil e de como o movimento colaborou na luta por um país menos desigual, destacando o papel de trabalhadores e trabalhadoras das zonas rurais nas múltiplas regiões brasileiras. Ensinou a ler e escrever uma população destituída de esperança e, sobretudo de direitos. Nas cartilhas produzidas pelo movimento, ensinava a luta, a formação e organização desses trabalhadores. Ensinava e apresentava outro mundo, diferente daquela realidade vivida pela população do campo.

Nesse sentido, a articulação Igreja, movimentos políticos voltados para a ala mais esquerdista como a JAC, JEC, JUC e, posteriormente a AP teve repercussão na organização sindical dos trabalhadores rurais do Brasil nos anos de 1960. Não sem propósito em 1962, o MEB já se declarava a favor da transformação social. Obviamente, que após 1962 ou mesmo antes, o MEB preocupava a ala mais conservadora da Igreja Católica e após o golpe de 1964, o movimento começou a sentir na prática as ações repressivas do governo militar como redução da verba enviada para os departamentos, muitos líderes da direção nacional foram chamados ao DOPS para prestar esclarecimento sobre as atividades do movimento e, muitos foram presos e estes quando soltos continuaram sendo vigiados pelo regime. Trabalhadores e lideranças de partidos de esquerda também foram presos e suas atividades políticas e profissionais passaram a compor os relatórios do serviço nacional de informação^{XXIII}, o SNI, órgão de vigilância e repressão em busca dos nomeados inimigos do regime ou então comunistas, como por exemplo o nome de Péricles Souza e tantos outros que faziam/ integravam o MEB, mas também a AP e partidos como PCB, PC do B.

O MEB foi um dos poucos movimentos de leigos que conseguiu subsistir após o golpe de 1964. Entretanto, teve que reduzir as atividades mais políticas como também os diretores e diretoras nacionais assistiram uma redução do orçamento o que impactava as atividades cotidianas nos respectivos departamentos como reclamaram os coordenadores locais em correspondências enviadas à diretoria nacional. Encontramos diversas correspondências de coordenadores locais a partir de 1965-1966, reclamando da falta de dinheiro para que o MEB continuasse com suas tarefas nas mais variadas regiões do Brasil. Além disso, em 1967, o governo militar com o objetivo de substituir o MEB, criou o MOBREAL- Movimento de Alfabetização que visava ensinar jovens e adultos a ler.

Pode-se pensar que as estratégias do regime de exceção foram variadas para que a população das zonas rurais do Brasil fosse silenciada e as questões do uso e direito sobre a terra, direito a um trabalho e vida dignas era uma das pautas do movimento, aliás pauta histórica daqueles que sempre estiveram à margem da sociedade, mas a experiência de lutar e reivindicar direitos não foi, e acredito, não será jamais apagada.

**QUANDO A VONTADE É LUTA: MOVIMENTO DE EDUCAÇÃO DE BASE NO
BRASIL CONTEMPORÂNEO
SARA OLIVEIRA FARIAS**

Os atores desta narrativa acreditavam em outro tipo de futuro, apesar das dificuldades encontradas. Como afirmou o personagem Severo, espécie de liderança dos trabalhadores rurais em uma região do Brasil, do romance *Torto Arado*. “Não podemos mais viver assim. Temos direito à terra... Era um desejo de liberdade que crescia e ocupava quase tudo o que fazíamos.”^{XXIV}

Descobrir as palavras, juntá-las e fabricar significados para uma realidade muitas vezes cruel e desesperadora, foi tecida pelo MEB e, sua atuação influenciou outros movimentos que surgiram na década de 1970, 1980 e como também colaborou de forma inequívoca para criação de sindicatos de trabalhadores e trabalhadoras rurais em um tempo recente, mas com históricas bandeiras de luta. Como afirma o título de um dos livros do movimento. *Viver é lutar!* E continua sendo para trabalhadoras e trabalhadores de um Brasil contemporâneo.

^IDoutora em História (UFPE). Professora Titular da Graduação e Pós-graduação em História da Universidade do Estado da Bahia (UNEB). Durante o período de 2014-2017, o CNPQ, através do auxílio pesquisa financiou a pesquisa sobre o MEB.

^{II} FÁVERO, Osmar. *Uma pedagogia da participação popular: análise da prática educativa do MEB-Movimento de Educação de Base (1961-1966)* Campinas, São Paulo: Autores Associados, 2006, p.5

^{III} FÁVERO, Osmar, op. cit, p.6

^{IV} FARIAS, Sara O. “Memória e Tempo Presente: Movimento de Educação de Base.” In SCHEIDT, Eduardo; LAPSKY, Igor; ARAÚJO (Organizadores) Eduardo. *História do Tempo Presente nas Américas: política, movimentos sociais e educação* [recurso eletrônico]. Recife : Edupe, 2020, p.73.

^V SOUZA, Claudia Moraes. “Vida e Trabalho no mundo rural: trabalhadores do Movimento de Educação de Base (1961-1964)” In: *Revista Mundos do Trabalho*, vol.2, n.3, janeiro-julho de 2010, p.290.

^{VI} FOUCAULT, Michel. “Nietzsche, a Genealogia e a História.” In: *Microfísica do Poder*. 16ª.ed. Rio de Janeiro: Graal, 2001.

^{VII} MAINWARING, Scott. *Igreja Católica e Política no Brasil (1916-1985)*. São Paulo: Brasiliense, 2004, p.88.

^{VIII} MAINWARING, Scott. Op. cit, p.88.

^{IX} FARIAS, Sara O. “Memória e Tempo Presente: Movimento de Educação de Base.” In SCHEIDT, Eduardo; LAPSKY, Igor; ARAÚJO (Organizadores) Eduardo. *História do Tempo Presente nas Américas: política, movimentos sociais e educação* [recurso eletrônico]. Recife : Edupe, 2020, p.77.

^X MAINWARING, Scott. *Igreja Católica e Política no Brasil (1916-1985)*. São Paulo: Brasiliense, 2004, p.89.

^{XI} MAINWARING, Scott. Op cit, p.89.

^{XII} A Juventude Agrária Católica (JAC) era uma dos ramos da Ação católica brasileira- movimento composto e criado pela hierarquia da igreja católica em 1935.

^{XIII} Entrevista Manoel Francisco dos Santos. 07 Out. 2016- Entrevistadora; Laiane Macedo. Agradeço a Laiane Macedo por disponibilizar a entrevista que foi realizada naquela época para elaboração de TCC do curso de licenciatura de História.

^{XIV} Entrevista Pércles Santos Souza. 20 jan.2020- Entrevistadora Laiane Macedo. Agradeço a Laiane por disponibilizar a entrevista que foi realizada para compor sua dissertação de mestrado.

^{XV} Entrevista Pércles Santos Souza. 20 jan.2020- Entrevistadora Laiane Macedo.

**QUANDO A VONTADE É LUTA: MOVIMENTO DE EDUCAÇÃO DE BASE NO
BRASIL CONTEMPORÂNEO
SARA OLIVEIRA FARIAS**

^{XVI} Relatório SNI. Informação n.0057/740/ASV/79. Datado de 06 fevereiro 1979. Agradeço á Laine MACEDO que gentilmente cedeu alguns dos relatórios pesquisados para sua pesquisa de mestrado sobre Sindicato Rural de Santo Antonio de Jesus.

^{XVII} Serviço Nacional de Informação (SNI).PRONTUÁRIO 010310 80.

^{XVIII} Os livros foram fundamentais para a elaboração das aulas, preparadas pela equipe do MEB e, aplicadas à comunidade, considerando como fundamental, a existência humana. O livro Viver é Lutar está disponível em formato digital no endereço eletrônico www.forumeja.org.br. É um dos primeiros livros de leitura do MEB nos anos de 1960.

^{XIX} Livro Viver é lutar. 6ª.lição. Ver www.forumeja.org.br

^{XX} Ver encarte do CD- Cantos da resistência: Pela preservação da memória, contra o esquecimento, p.30, 2015. Agradeço ao professor Osmar Fávero que me concedeu o referido CD.

^{XXI} “ A existência do latifúndio e a queixa dos que precisavam de terra para trabalhar era – e é- um dos grandes focos de luta social no Brasil. Odilon esteve muito atento a isso ao compor suas canções. Ver encarte do CD- Cantos da resistência: Pela preservação da memória, contra o esquecimento, p.30, 2015.

^{XXII} FOUCAULT, Michel. A Ordem do Discurso, SP, Edições Loyola, 9a. edição, 2003, p8-9.

^{XXII} Sobre este material consultar as correspondências dos coordenadores locais do MEB à diretoria nacional. Ver FUNDO MEB. CEDIC/PUC-SP.

^{XXII} VIEIRA JUNIOR, Itamar. Torto Arado.1ª.ed. São Paulo: Todavia,2019, p.187.

Fontes

Orais

Entrevista com Manoel Francisco dos Santos.07 Out. 2016- Entrevistadora; Laiane Macedo.

Entrevista com Péricles Santos Souza.20 jan.2020- Entrevistadora Laiane Macedo.

Escrita

Livro didático Viver é Lutar, 6ª. Lição.

Prontuário 01031080 (Serviço Nacional de Informação- SNI).1979.

Relatório SNI. Informação n.0057/740/ASV/1979.

Fundo MEB- CEDIC/SP

Fonográfica

CD- Cantos da resistência: Pela preservação da memória, contra o esquecimento, p.2015.

Bibliografia

**QUANDO A VONTADE É LUTA: MOVIMENTO DE EDUCAÇÃO DE BASE NO
BRASIL CONTEMPORÂNEO
SARA OLIVEIRA FARIAS**

FARIAS, Sara O. “Memória e Tempo Presente: Movimento de Educação de Base.” In SCHEIDT, Eduardo; LAPSKY, Igor; ARAÚJO (Organizadores) Eduardo. História do Tempo Presente nas Américas: política, movimentos sociais e educação [recurso eletrônico]. Recife : Edupe, 2020.

FÁVERO, Osmar. Uma pedagogia da participação popular: análise da prática educativa do MEB- Movimento de Educação de Base (1961-1966) Campinas, São Paulo: Autores Associados, 2006.

FOUCAULT, Michel. “Nietzsche, a Genealogia e a História.” In: Microfísica do Poder. 16ª.ed. Rio de Janeiro: Graal, 2001.

A Ordem do Discurso, SP, Edições Loyola, 9a. edição, 2003.

MAINWARING, Scott. Igreja Católica e Política no Brasil (1916-1985). São Paulo: Brasiliense, 2004.

SOUZA, Claudia Moraes. “Vida e Trabalho no mundo rural: trabalhadores do Movimento de Educação de Base (1961-1964)” In: Revista Mundos do Trabalho, vol.2, n.3, janeiro-julho de 2010, p.290.

VIEIRA JUNIOR, Itamar. Torto Arado. 1ª.ed. São Paulo: Todavia, 2019.